

RAFAEL LIMA

Faltavam poucos dias para a estreia quando o palco do Teatro Multiplan ainda era tomado pelos ensaios. A orquestra, já afinadíssima, nos últimos ajustes, atores repetiam marcações e o diretor Jorge Farjalla circulava entre o elenco distribuindo orientações, abraços e palavras de incentivo. Foi nesse ambiente, acompanhado com exclusividade pelo Correio da Manhã, que nasceu a nova “Ópera do Malandro”, espetáculo que estreia nesta quinta-feira (6) temporada no Teatro Multiplan Village Mall apresentando ao público uma leitura inédita do clássico de Chico Buarque.

A história acompanha Max Overseas Navalha, contrabandista carismático que mantém um casamento secreto com Teresinha, filha de Duran e Vitória Régia, donos de uma rede de bordéis e ambiciosos comerciantes que sonham em ascender socialmente. Ao descobrir a união, o casal decide destruir o genero, mas acaba preso à mesma rede de corrupção que envolve o delegado Chaves, o Tigrão, parceiro dos negócios ilegais. Entre chantagens, disputas de poder, traições e jogos de interesse, a trama revela um universo onde malandros, prostitutas, policiais e empresários se misturam em uma sociedade sob o signo da contradição.

A montagem celebra quase cinco décadas da obra original, mas o caminho percorrido por Farjalla para chegar até ela começou muito antes. Nascido em 1978, o mesmo ano em que o musical estreou, o diretor conta que cresceu ouvindo as canções compostas por Chico para o filme de Ruy Guerra. “Minha mãe me apresentou esse universo quando eu tinha apenas um ano de idade. Sempre carreguei esse desejo de montar a obra e levá-la para o lugar onde eu acreditava que ela sempre pertenceu: a rua”, afirma.

Foi justamente dessa ideia que nasceu uma das principais marcas da montagem. Em vez de apenas transportar a história para os dias atuais, Farjalla construiu uma encenação que dialoga com a cultura popular e incorpora referências às entidades do povo da rua da umbanda. Pombagiras, Exus, Zé Pilintra e outras figuras simbólicas povoam a estética do espetáculo, estabelecendo um diálogo entre a dramaturgia de Chico, a tradição popular e a religiosidade brasileira.

Além das canções presentes na peça original, o diretor incorporou músicas escritas por Chico para o filme, ampliando significativamente o repertório do musical. Também surgem discretas referências contemporâneas que aproximam a narrativa da realidade atual e atualizam a figura do malandro. “O universo marginalizado mudou. Se antes o samba ocupava esse espaço, hoje existem outras manifestações



Adriano Doria

‘Todos vivem à margem. Não há para quem torcer’

Diretor Jorge Farjalla revela a criação de uma montagem que mistura música, teatro e referências da ancestralidade brasileira

culturais. Eu queria provocar essa reflexão sem abandonar a essência da obra”, explica.

Para Farjalla, a força da “Ópera do Malandro” permanece exatamente porque suas contradições continuam atuais. Inspirada em “A Ópera dos Mendigos”, de John Gay, e posteriormente recriada por Bertolt Brecht em “A Ópera dos Três Vinténs”, a versão brasileira mantém viva uma discussão que atravessa séculos. “A sociedade mudou muito pouco. Mudaram os celulares, a tecnologia, mas a natureza humana continua praticamente a mesma.”

Essa visão também aparece na construção dos personagens. Segundo o diretor, não existem heróis nem vilões. “Todos vivem à margem. Não há para quem torcer.

Cada personagem carrega suas próprias contradições.”

Durante o ensaio acompanhado pela reportagem, outro detalhe chamava atenção: a relação próxima entre o diretor e o elenco. Antes da retomada dos trabalhos, Farjalla reuniu os artistas para agradecer o empenho da companhia. Ele conta que essa forma de conduzir os ensaios nasceu de um ensinamento da atriz Rosa Maria Murtinho. “Ela me disse que um diretor nunca pode ser inimigo do ator. Precisa acolhê-lo. Teatro é ofício, é trabalho, e quem está aqui precisa sentir que faz parte dessa construção.”

Com direção musical de Gui Leal, produção da Palco 7 Produções e Solo Entretenimento, e apresentação da Petrobras, a montagem reúne José Loreto e Tiago Barbosa,

“Eu quero trazer uma humanidade para Geni. Uma Geni mais humana, mais próxima das pessoas”

VALÉRIA BARCELLOS

em alternância como Max, além de Totia Meireles, Carol Costa, Edgar Bustamante, Amaury Lorenzo, Valéria Barcellos e Marya Bravo.

Antes mesmo de subir ao palco, Geni já carregava uma história de resistência. Personagem criada por Chico Buarque em “Ópera do Malandro”, ela atravessou décadas como símbolo da exclusão, do preconceito e da hipocrisia social. Nessa montagem do musical, ga-

nha uma interpretação histórica: pela primeira vez em uma grande produção da obra, uma atriz trans assume o papel. Para Valéria Barcellos, é a realização de um encontro que levou dez anos para acontecer.

“Essa personagem é o personagem da minha vida”, afirma a atriz, em entrevista ao Correio da Manhã. “Eu estudo essa personagem há 10 anos para chegar nisso que eu cheguei agora.”